

ALÉM DE ROSTOS
Antirretratos em pintura

Olga Oliveira Guedes

OLGA OLIVEIRA GUEDES

ALÉM DE ROSTOS: ANTIRRETRATOS EM PINTURA

Trabalho apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais, sob orientação da Prof^a Dr^a Bettina Rupp.

NATAL, RN

2018

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Departamento de Artes - DEART

Guedes, Olga Oliveira.

Além de rostos : antirretratos em pintura / Olga Oliveira
Guedes. - 2018.

62 f.: il.

Monografia (licenciatura) - Universidade Federal do Rio Grande
do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Licenciatura
em Artes Visuais, Natal, 2018.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Bettina Rupp.

1. Pintura. 2. Retratos. 3. Antirretrato. I. Rupp, Bettina. II.
Título.

RN/UF/BS-DEART

CDU 75.041

Elaborado por Olga Oliveira Guedes - CRB-X

OLGA OLIVEIRA GUEDES

ALÉM DE ROSTOS: ANTIRRETRATOS EM PINTURA

Natal, 3 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Bettina Rupp – UFRN

Prof. Dr. Vicente Vitoriano Marques Carvalho – UFRN

Prof. Me. Artur Luiz de Souza Maciel – UFRN

RESUMO

Este memorial descreve o processo criativo das onze pinturas que compõem a série *Além de rostos*. A pesquisa desdobra-se a partir da investigação sobre o antirretrato, um conceito contemporâneo que consiste em esconder total ou parcialmente o rosto do indivíduo representado. Para tanto, é feito um resumo das minhas produções nos últimos dez anos, assim como uma retrospectiva da pintura de retratos ao longo da história da arte. Em seguida, são analisados os trabalhos de artistas que exploram o antirretrato em suas obras, como René Magritte, Hélène Delmaire e Henrietta Harris, para então partir para a experimentação artística aqui apresentada. Ao final, são oferecidas conclusões sobre o papel do rosto na pintura enquanto elemento-chave para estabelecer vínculos de identidade entre o observador e a obra de arte.

PALAVRAS-CHAVE: pintura, retratos, antirretrato.

ABSTRACT

This memorial describes the creative process of eleven artworks that make up the series of paintings *Beyond faces*. The research unfolds from investigations of the anti-portraiture, a contemporary concept that's consists in partially or totally hiding the face of the represented individual. To do so, it's shown a summary of my productions in the last ten years as well as a retrospective of portrait painting throughout the history of art. Then there's an analysis of artists who exploit the anti-portraiture in their works, such as René Magritte, Hélène Delmaire and Henrietta Harris, that follows the artistic experimentation here presented. In the end, conclusions are given about role of the face in painting as a key element in establishing identity links between the observer and the work of art.

KEYWORDS: painting, portraits, anti-portrait.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Olga Guedes, *Jhudora*, 2008, pintura digital, 366 x 578 px. Fonte: <<https://www.deviantart.com/guitta/art/Jhudora-88052283>>. 14
- Figura 2:** Olga Guedes, *Rokksane*, 2008, pintura digital, 485 x 1241 px. Fonte: <<https://www.deviantart.com/guitta/art/Rokksane-107780918>>. 14
- Figura 3:** Olga Guedes, *Private*, 2009, pintura digital, 800 x 649 px. Fonte: <<https://www.deviantart.com/guitta/art/Private-108898495>>. 14
- Figura 4:** Olga Guedes, *Precipitance*, 2009, pintura digital, 670 x 590 px. Fonte: <<https://www.deviantart.com/guitta/art/Precipitance-140288628>>. 14
- Figura 5:** Olga Guedes, *Still doll*, 2010, pintura digital, 758 x 1194 px. Fonte: <<https://www.deviantart.com/guitta/art/Still-Doll-153478023>>. 15
- Figura 6:** Olga Guedes, *Domain*, 2010, pintura digital, 837 x 856 px. Fonte: <<https://www.deviantart.com/guitta/art/Domain-158835165>>. 15
- Figura 7:** Olga Guedes, *Cecile*, 2013, lápis de cor sobre papel, 21 x 29,7 cm. Fonte: <<https://www.deviantart.com/guitta/art/Cecile-439383380>>. 15
- Figura 8:** Olga Guedes, *Falling in love*, 2013, pintura digital, 3508 x 2480 px. Fonte: <<http://guitta.tumblr.com/post/79032639400>>. 15
- Figura 9:** Olga Guedes, *Pietra*, 2014, aquarela sobre papel, 14,8 x 21 cm. Fonte: <<https://www.deviantart.com/guitta/art/Pietra-439389108>>. 16
- Figura 10:** Olga Guedes, *Beth*, 2014, aquarela sobre papel, 14,8 x 21 cm. Fonte: <<http://guitta.tumblr.com/post/84948873902>>. 16
- Figura 11:** Olga Guedes, *Marte*, 2016, acrílica sobre papel, 40 x 30 cm. Fonte: <<http://guitta.tumblr.com/post/168732808402>>. 17
- Figura 12:** Olga Guedes, *Luce*, 2016, acrílica sobre papel, 40 x 30 cm. Fonte: <<http://guitta.tumblr.com/post/168732832677>>. 18
- Figura 13:** Olga Guedes, *Vines*, 2017, acrílica sobre papel, 40 x 30 cm. Fonte: <<http://guitta.tumblr.com/post/168732851502>>. 19
- Figura 14:** Olga Guedes, *Charlotte*, 2016, aquarela sobre papel, 21 x 29,7 cm. Fonte: <<http://guitta.tumblr.com/post/168732952027>>. 20
- Figura 15:** Olga Guedes, *Giannina*, 2018, aquarela sobre papel, 21 x 29,7 cm. Fonte: <<http://guitta.tumblr.com/post/170395676037>>. 20
- Figura 16:** Diego Velázquez, *Phillip IV em Armadura*, 1628, óleo sobre tela, 57 x 44 cm. Fonte: <<https://www.craftsy.com/art/article/the-history-of-portraiture>>. 21
- Figura 17:** Johannes Vermeer, *A Leiteira*, 1658, óleo sobre tela, 46x41 cm. Fonte: <<https://www.craftsy.com/art/article/the-history-of-portraiture>>. 21
- Figura 18:** Gustave Coubert, *Os Quebradores de Pedras*, 1849, óleo sobre tela, 165 x 257 cm. Fonte: <<https://www.craftsy.com/art/article/the-history-of-portraiture>>. 21

- Figura 19:** Vincent van Gogh, *Autorretrato*, 1887, óleo sobre tela, 42 x 34 cm. Fonte: <https://www.wikiart.org/en/vincent-van-gogh/self-portrait-1887-9>. 22
- Figura 20:** Paul Gauguin, *Retrato de William Mollard*, 1894, óleo sobre tela, 46 x 38 cm. Fonte: <https://www.craftsy.com/art/article/the-history-of-portraiture>. 22
- Figura 21:** Henri Matisse, *Retrato da Madame Matisse*, 1905, óleo sobre tela, 255,3 x 82,6 cm. Fonte: <https://www.craftsy.com/art/article/the-history-of-portraiture>. 22
- Figura 22:** Pablo Picasso, *Retrato de Ambroise Vollard*, 1910, óleo sobre tela, 92 x 65 cm. Fonte: <https://www.wikiart.org/en/pablo-picasso/portrait-of-ambroise-vollard-1910>. 22
- Figura 23:** Diego Rivera, *Maternidade Angelina e o menino Diego*, 1916, óleo sobre tela, 132 x 86 cm. Fonte: <https://www.wikiart.org/en/diego-rivera/motherhood-angelina-and-the-child-diego-1916>. 23
- Figura 24:** Paul Klee, *Senecio*, 1922, óleo sobre tela, 40,5 x 38 cm. Fonte: <https://www.wikiart.org/en/paul-klee/senecio-1922>. 23
- Figura 25:** Egon Schiele, *Autorretrato com camisa listrada*, 1910, guache sobre papel, 305 x 443 cm. Fonte: <https://artsandculture.google.com/asset/self-portrait-with-striped-shirt/IgEZ5y6LafINFA>. 23
- Figura 26:** Edvard Munch, *Autorretrato O andarilho da noite*, 1924, óleo sobre tela, 90 x 68 cm. Fonte: <https://www.wikiart.org/en/edvard-munch/self-portrait-the-night-wanderer-1924>. 23
- Figura 27:** Frida Kahlo, *Diego e eu*, 1949, óleo sobre compensado, 29,5 x 22,4 cm. Fonte: <https://www.wikiart.org/en/frida-kahlo/diego-and-i-1949>. 24
- Figura 28:** Salvador Dalí, *Galatea das Esferas*, 1952, óleo sobre tela, 65 x 54 cm. Fonte: <https://www.wikiart.org/en/salvador-dali/galatea-of-the-spheres>. 24
- Figura 29:** Roy Lichtenstein, *Autorretrato*, 1978, óleo sobre tela, 177,8 x 137,2 cm. Fonte: https://www.imageduplicator.com/main.php?work_id=0746&year=1978&decade=70. 24
- Figura 30:** James Rosenquist, *Presidente eleito*, 1964, óleo sobre compensado, 228,0 x 365,8 cm. Fonte: <http://www.jamesrosenquiststudio.com/artwork/6102-president-elect>. 24

Figura 31: René Magritte, <i>O filho do homem</i> , 1964, óleo sobre tela, 116 x 89 cm. Fonte: < https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte/son-of-man-1964 >	27
Figura 32: René Magritte, <i>A reprodução proibida</i> , 1937, óleo sobre tela, 81,3 x 65 cm. Fonte: < https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte/not-to-be-reproduced-1937 >.	27
Figura 33: René Magritte, <i>Os amantes</i> , 1928, óleo sobre tela, 54 x 73,4 cm. Fonte: < https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte/the-lovers-1928 >.	27
Figura 34: Alexandra Levasseur, <i>Hommage a Odilon</i> , 2014, óleo sobre madeira. Fonte: < https://www.widewalls.ch/artist/alexandra-levasseur >.	28
Figura 35: Alexandra Levasseur, <i>La Tourbiere</i> , 2015, óleo sobre madeira. Fonte: < https://www.widewalls.ch/artist/alexandra-levasseur >.	28
Figura 36: Hélène Delmaire, <i>Ambrosia</i> , 2016, óleo sobre madeira, 70 x 50 cm. Fonte: < https://www.helenedelmaire.com >.	28
Figura 37: Hélène Delmaire, <i>D'amour et d'eau fraiche</i> , 2011, óleo sobre madeira, 20 x 15 cm. Fonte: < https://www.helenedelmaire.com >.	28
Figura 38: Cesar Biojo, <i>Mireia 23</i> , 2014, óleo sobre tela, 40 x 40 cm. Fonte: < http://cesarbiojo.com >.	29
Figura 39: Cesar Biojo, <i>Elvice</i> , 2014, óleo sobre tela, 40 x 40 cm. Fonte: < http://cesarbiojo.com >.	29
Figura 40: Henrietta Harris, <i>Fixed it VIII</i> , 2016, óleo sobre tela, 35 x 30 cm. Fonte: < http://henriettaharris.com/paintings/fixed-it-viii/ >.	29
Figura 41: Henrietta Harris, <i>Fixed it III</i> , 2016, óleo sobre tela, 70 x 65 cm. Fonte: < http://henriettaharris.com/paintings/fixed-it-iii/ >.	29
Figura 42: Olga Guedes, <i>Em busca do que é belo e vulgar</i> , 2018, aquarela sobre papel, 40 x 30 cm. Fonte: arquivo pessoal.	30
Figura 43: Olga Guedes, <i>Companhia</i> , 2018, aquarela sobre papel, 40 x 30 cm. Fonte: arquivo pessoal.	31
Figura 44: Olga Guedes, <i>Veredas I</i> , 2018, aquarela sobre papel, 40 x 30 cm. Fonte: arquivo pessoal.	32
Figura 45: Olga Guedes, <i>Veredas II</i> , 2018, aquarela sobre papel, 40 x 30 cm. Fonte: arquivo pessoal.	33
Figura 46: Olga Guedes, <i>Foi como ser feliz de novo</i> , 2018, aquarela sobre papel, 40 x 30 cm. Fonte: arquivo pessoal.	34
Figura 47: Olga Guedes, <i>Te teria todo dia</i> , 2018, aquarela sobre papel, 40 x 30 cm. Fonte: arquivo pessoal.	35
Figura 48: Olga Guedes, <i>Lugar algum</i> , 2018, aquarela sobre papel, 40 x 30 cm. Fonte: arquivo pessoal.	36
Figura 49: Olga Guedes, <i>O tempo arde</i> , 2018, aquarela sobre papel, 40 x 30 cm. Fonte: arquivo pessoal.	37
Figura 50: Olga Guedes, <i>Eu sou as sobras</i> , 2018, aquarela sobre papel, 40 x 30 cm. Fonte: arquivo pessoal.	38
Figura 51: Olga Guedes, <i>Latente</i> , 2018, aquarela sobre papel, 40 x 30 cm. Fonte: arquivo pessoal.	39
Figura 52: Olga Guedes, <i>Odeio despedidas</i> , 2018, aquarela sobre papel, 40 x 30 cm. Fonte: arquivo pessoal.	40

Figura 53: Exemplo de uma pasta no Pinterest. 2018, captura de tela. Fonte: < https://pinterest.com/guitta/retratos/antirretratos >.	41
Figura 54: Pastas separadas por projeto de obra. 2018, captura de tela. Fonte: arquivo pessoal.	41
Figura 55: Painel semântico da obra "Veredas I". 2018, captura de tela. Fonte: arquivo pessoal.	42
Figura 56: Painel semântico da obra "Foi como ser feliz de novo". 2018, captura de tela. Fonte: arquivo pessoal.	42
Figura 57: Referência fotográfica de "Em busca do que é belo e vulgar". 2017, fotografia. Fonte: arquivo pessoal.	43
Figura 58: Referência fotográfica de "Companhia". 2017, fotografia. Fonte: arquivo pessoal.	43
Figura 59: Ian Rassari, <i>Equinócio</i> , 2018, fotografia. Fonte: < https://www.instagram.com/p/BgkI7wFHwJM >	45
Figura 60: Alex Oliveira, <i>Benzinhos</i> , 2018, fotografia. Fonte: < https://www.instagram.com/p/BmmZ14LBile >	45

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. DEZ ANOS ATRÁS	13
3. O RETRATO NA PINTURA	21
4. O ANTIRRETRATO	25
4.2 REFERÊNCIAS VISUAIS	27
5. A SÉRIE “ALÉM DE ROSTOS”	30
5.1 PROCESSO CRIATIVO	41
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
APÊNDICE A – PLANO DE AÇÃO PEDAGÓGICA #1	52
APÊNDICE B – RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA AÇÃO PEDAGÓGICA #1	54
APÊNDICE C – POSTER DE DIVULGAÇÃO DA AÇÃO PEDAGÓGICA #1	58
APÊNDICE D – PLANO DE AÇÃO PEDAGÓGICA #2	59
APÊNDICE E – RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA AÇÃO PEDAGÓGICA #2	61

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um memorial reflexivo sobre as obras que compõem a série de pinturas autorais *Além de rostos*, desenvolvida a partir de uma investigação sobre o antirretrato. É caracterizada como uma pesquisa em arte, devido à sua condição teórica-prática em que o objeto de análise será minha própria produção artística concebida a partir do estudo de um tema.

Desde a adolescência desenvolvo interesse pelo desenho da figura humana e a pintura de retratos. Ao ingressar na Licenciatura em Artes Visuais da UFRN, além de desenvolver diversas potencialidades técnicas da pintura, também passei a problematizar os motivos das minhas obras, a importância do retrato e o caráter naturalista. Com este memorial busco entender algumas práticas e noções imagéticas que me acompanham até hoje, no sentido de alcançar uma produção artística que

não só satisfaça meus questionamentos como também me forneça meios de explorar outras possibilidades visuais.

Também me coloco aqui na posição política de artista contemporânea brasileira, nordestina, potiguar e mulher. Ressalto a importância de se estudar e apoiar o cenário cultural local diante da conhecida dificuldade que artistas de qualquer vertente enfrentam para ter seu trabalho valorizado, principalmente em uma capital com costumes tão provincianos como Natal, e em um país que apresenta e constitucionaliza ameaças à Arte todos os dias. É preciso resistir e mostrar que o fazer artístico não é supérfluo, mas necessário à existência humana enquanto vetor científico e cultural.

Inicialmente, é feita uma pequena mostra de algumas produções artísticas de minha autoria ao longo dos últimos dez anos, de 2008 a 2018. Recordo minha trajetória e exponho as referências que fundamentaram meu processo criativo até o presente, num resgate que identifica os aspectos já existentes em meu fazer artístico que se aproximam da premissa da pesquisa e justifica

alguns dos elementos e métodos aplicados em seu desenvolvimento.

Em seguida, há uma sucinta linha-do-tempo das fases do retrato no decorrer da História da Arte, a fim de delinear os aspectos que caracterizam este gênero pictórico e suas variações em cada movimento artístico. Este momento precede uma reflexão sobre o antirretrato, um conceito que tem se evidenciado em produções contemporâneas ao propor uma nova perspectiva na representação da figura humana. São selecionados artistas que exploraram a ausência do rosto em seus retratos no intuito de exemplificar como o tema vem sendo utilizado nas Artes Visuais. É importante salientar que nesta fundamentação teórica me atenho especificamente no que compete ao âmbito da pintura, analisando trabalhos de artistas relevantes ao tema como René Magritte, Hélène Delmaire e Henrietta Harris.

Na análise do processo criativo da série *Além de rostos*, faço uma descrição minuciosa da metodologia empregada na concepção e execução das obras. Destaco a

importância do planejamento, do registro, da experimentação, da construção da ideia à definição da forma e escolha das cores. Para tanto, contei com recursos metodológicos como painéis temáticos e diários gráficos, além do uso de referências fotográficas para as pinturas.

Por último, foram realizadas três ações pedagógicas compreendidas em duas oficinas e uma discussão teórica, que aconteceram em ocasiões distintas. As oficinas tinham como público-alvo os alunos do Atelier do NAC, que foram instruídos a pintar um antirretrato do início ao fim, com embasamento conceitual, atividades práticas e detalhes técnicos. Já na discussão teórica, direcionada aos estudantes do Departamento de Artes, debatemos os aspectos filosóficos que envolviam o conceito do retrato sem rosto, suas implicâncias e inquietações, transitando entre os pontos de vista da arte, do artista e do espectador.

2. DEZ ANOS ATRÁS

Cresci em Paulo Afonso, no interior da Bahia. Por se tratar de uma cidade pequena e turística, o acesso à cultura se dá essencialmente por promoção de eventos, shows, festivais e encontros regionais. Não tem cinemas, shoppings e galerias. Os poucos museus da cidade são direcionados à preservação da memória da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) e às belezas naturais da região. Assim, cresci sem referências mais eruditas das artes plásticas, sem contato com outros artistas e minha própria noção de arte não ia muito além do que era aprendido nas escolas, em casa ou em revistas.

Minha mãe era artesã e eu a observava criar seus arranjos e pintar telas em seu ateliê. O trabalho manual e a pintura com tinta não me despertavam interesse: eu me contentava em apenas desenhar no papel. Queria me aprimorar no desenho realista de figuras humanas. Ainda assim, ela se esforçava em me estimular artisticamente, comprava materiais e, mais tarde, encontrou um professor

particular para me ensinar técnicas mais refinadas de desenho.

Tive acesso à internet desde a infância e desenvolvi logo cedo afinidade com computadores e mídias digitais, o que me ajudou a abrir alguns caminhos. Meu primeiro contato com a prática da pintura se deu por volta de dez anos atrás, aos 13 anos, quando adquiri minha primeira mesa digitalizadora. Aquele dispositivo para mim representava a perfeita união da arte com a tecnologia, tornando possível brincar com as cores, luz e sombra, sem lidar com os problemas que me incomodavam na pintura tradicional com pincel e tinta, tais como a finitude do material, o caráter definitivo de cada gesto, a sujeira, entre outros.

A partir deste momento, me dediquei a treinar e estudar cores, perspectiva, anatomia humana, iluminação, acabamento, efeitos especiais e manipulação de imagem. Minhas pinturas possuíam sempre temática relacionada ao universo cultural no qual eu estava imersa, como

personagens de jogos e séries¹.

No ano seguinte, em 2009, percebi um interesse ainda maior no retrato da figura humana, especialmente de casais. Comecei a buscar e colecionar referências visuais de anatomia, poses e ângulos do corpo humano. Além disso, eu costumava publicar meus trabalhos no DeviantART (www.deviantart.com), uma comunidade *online* de artistas amadores, profissionais e apreciadores de arte. Ali, me dedicava a estudar o trabalho de outros artistas jovens como eu, analisando e assimilando características em suas obras que me atraíam na busca por delinear meu próprio estilo.

O ano de 2010 se apresenta como meu ano mais produtivo, em que criei em torno de vinte obras, incluindo desenhos e pinturas digitais. Divulgando meus trabalhos no DeviantART, logo percebi que trabalhos na categoria de

¹ Como influências culturais visuais da época, posso citar os jogos digitais Neopets, Priston Tale e Final Fantasy X; os desenhos animados japoneses Naruto, Sailor Moon, Sakura Card Captors e NANA; histórias em quadrinhos como X-Men; entre outros títulos do entretenimento.



Fig. 1 e 2: Primeiras pinturas digitais.

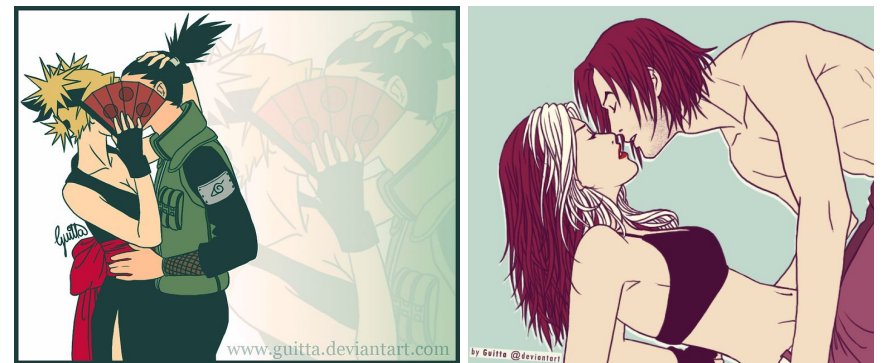


Fig. 3 e 4: Retratos de casais da ficção.

fã-arte² conseguiram muitas visualizações e comentários, o que me estimulava a continuar produzindo. Muitos dos temas das minhas obras, inclusive, eram decididos através de pedidos diretos de seguidores. Tive a oportunidade de conhecer (ainda que virtualmente) diversos artistas com quem pude aprender e compartilhar os mais variados conhecimentos técnicos. Tecíamos elogios, críticas e incentivos uns aos outros e, assim, era possível acompanhar o trabalho do colega se tornar mais consistente ao longo das produções. Muito do que sei hoje acerca da prática artística e fundamentos da linguagem visual eu devo a este intercâmbio gerado dentro das comunidades de artistas.

Durante o período de 2011 e 2012, já em Natal/RN, precisei me afastar do computador para estudar para o vestibular e vi a frequência da minha produção artística

² Caracteriza-se como fã-arte, ou *fanart*, o trabalho artístico realizado por fã que faz referência a personagens e/ou ao universo de uma obra de ficção já conhecida. Geralmente trata-se de um trabalho "de fã para fã", em que o artista não é pago pelo autor da obra original para ilustrar.



Fig. 5 e 6: Retratos de personagens fictícios.



Fig. 7 (esq.) e 8 (dir.): Primeiras produções no curso de Artes Visuais.

cair drasticamente. Parei de frequentar o DeviantART, de acompanhar os trabalhos dos colegas e também de fazer rascunhos em papel, pois até isso me distraía do meu objetivo. Esse intervalo livre de produções afetou profunda e negativamente minha autoestima enquanto artista.

Ao ingressar no curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFRN no ano de 2013, quando precisei voltar a produzir, aproveitei a oportunidade para sair do meio digital e experimentar a produção “à moda antiga”, com lápis e papel. Na graduação tive a oportunidade de participar pela primeira vez de uma exposição coletiva, o que foi uma experiência transformadora, pois até então só tinha costume de ver meu trabalho através da tela do computador. Ter minhas obras expostas numa parede ao lado de colegas tão talentosos me fez sentir participante de algo maior, real, físico e concreto, o que mudou definitivamente a maneira com que passei a me relacionar com meu trabalho.

Tive meu primeiro contato com a aquarela em 2014,



Fig. 9 (esq.) e 10 (dir.): Primeiras aquarelas.

com o professor Erasmo Andrade, durante a disciplina Pintura I. Me fascinava o mistério dessa técnica tão delicada, fluida, teimosa e por vezes rebelde. Já conseguia desenvolver com facilidade certos conceitos característicos da técnica - como a noção de transparência, camadas e mistura de cor - devido à minha experiência anterior com a pintura digital, o que me surpreendeu. Percebi que não eram meios tão distintos assim, afinal, e que muitas das noções utilizadas em uma técnica também funcionavam em outras. Tomei a liberdade de agregar outros materiais às pinturas, como o lápis de cor e a tinta nanquim.

Nos anos que se seguiram, continuei pintando retratos em aquarela. De modo geral, dei uma pausa na criação de ilustrações, nas quais eu precisava imaginar composições e ângulos a partir do zero, para me dedicar à prática da aquarela de modo mais sistemático com o auxílio de imagens de referência. Nesse sentido, frequentemente me restringi à mera reprodução de fotografias para me concentrar somente na execução da

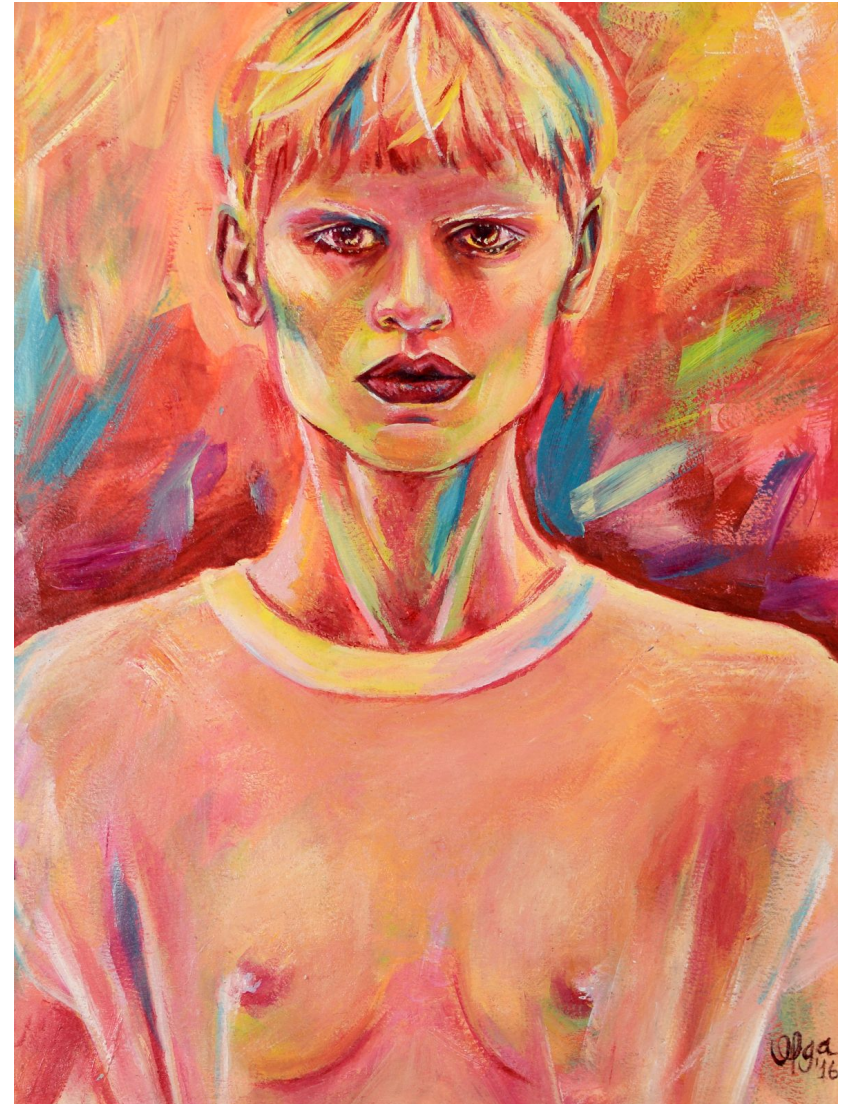


Fig. 11: Primeira obra da série *Espectro*.

técnica. As fotografias escolhidas eram majoritariamente retratos de mulheres que eu acompanhava nas redes sociais e algumas celebridades.

Em 2016 participei de dois congressos sobre estudos de gênero e sexualidade, o que me despertou profundo interesse sobre o tema e me inspirou posteriormente a produzir uma pequena série de pinturas denominada *Espectro* como projeto final da disciplina Pintura III, ministrada pelo professor Fernando de Paiva. Com tinta acrílica, pintei três retratos de pessoas com aparência andrógina³ – utilizando como referência visual fotografias de pessoas desconhecidas, retiradas de diferentes fontes da internet – numa pequena investigação sobre os detalhes dessa estética na representação da figura humana. Meu objetivo era definir e explorar quais traços, feições e gestos identificam um sujeito como homem ou mulher para então provocar

³ A androginia, em seu sentido estético, se refere ao indivíduo que apresenta tanto características físicas coerentes ao sexo que lhe foi designado como também do sexo oposto, manifestando uma aparência com traços masculinos e femininos ao mesmo tempo.



Fig. 12: Segunda obra da série *Espectro*.

confusão no espectador, de modo que o sexo das figuras retratadas fosse pouco nítido ou óbvio. Tecnicamente, também quis experimentar composições com cores contrastantes e pinceladas mais grosseiras e menos objetivas.

Segui desenvolvendo interesse por retratos neste último ano, concentrando meus estudos em técnicas aguadas de pintura, como aquarela, acrílica e guache. Me atraí por temas que exploram variações étnicas da fisionomia humana, ainda usando fotografias como referencial visual. Tecnicamente, busquei formas de manter uma representação naturalista mesmo combinando camadas de cor vibrantes.



Fig. 13: Terceira obra da série *Espectro*.

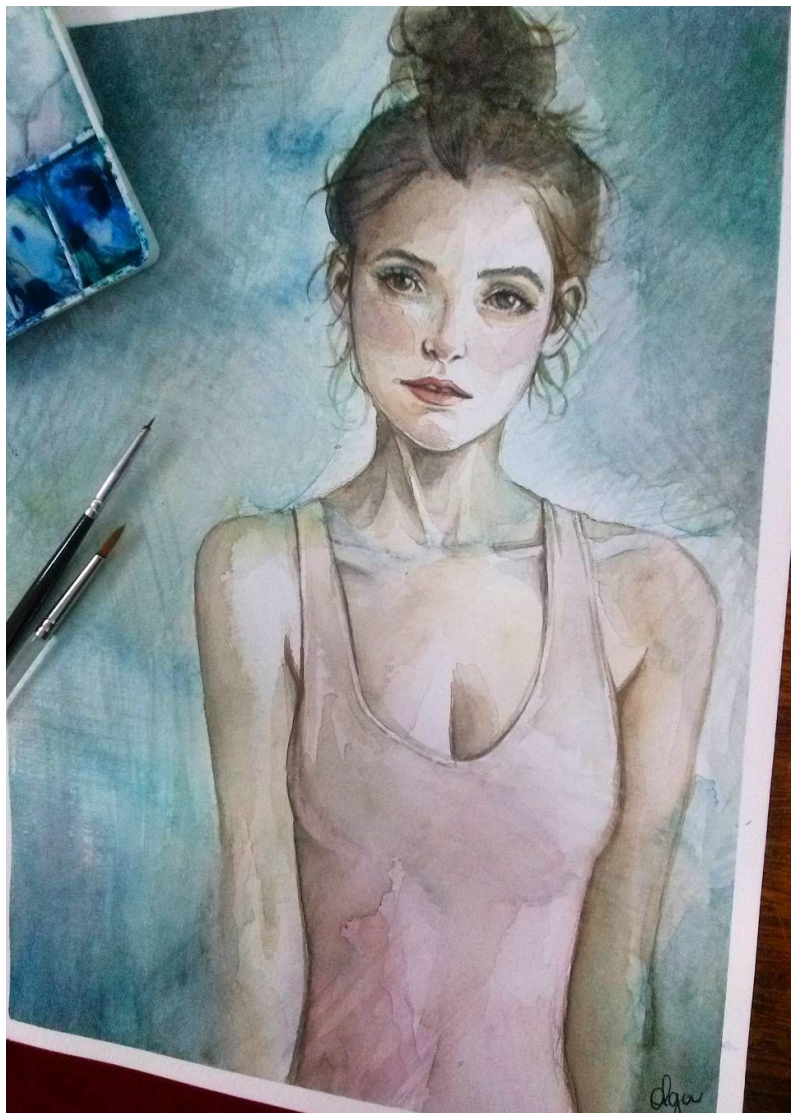


Fig. 14: Retrato em aquarela.

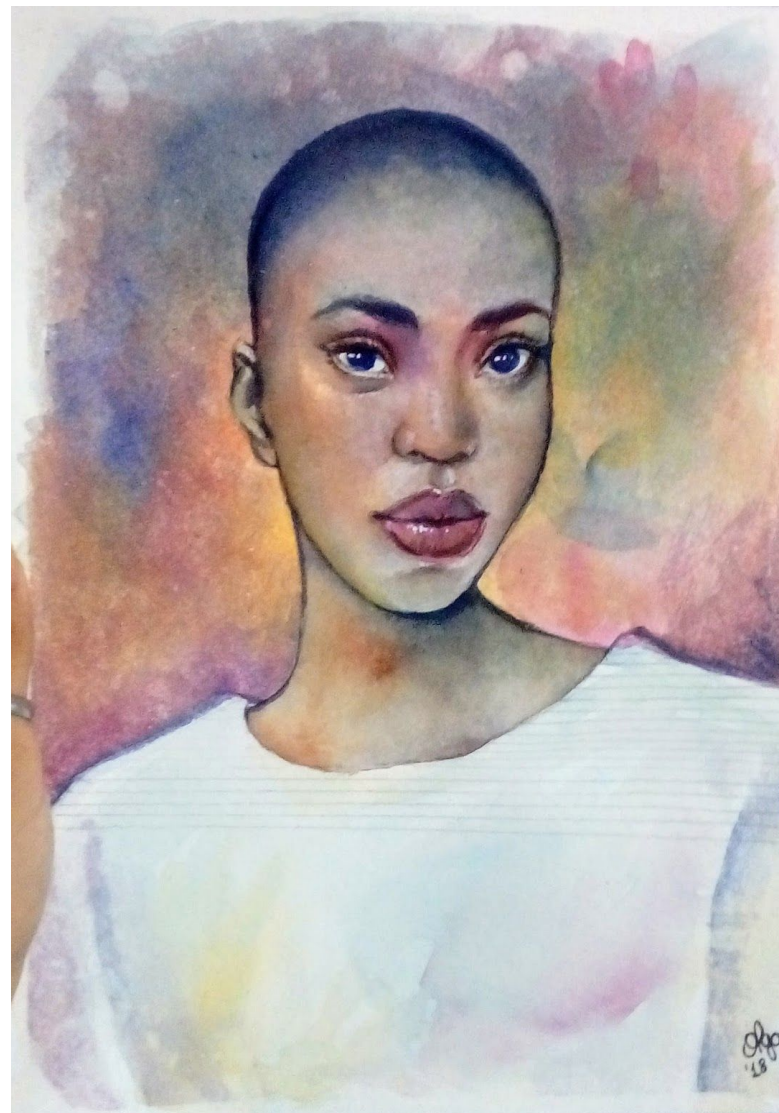


Fig. 15: Retrato em aquarela.

3. O RETRATO NA PINTURA

O retrato é um gênero pictórico que põe o sujeito humano como elemento principal da composição, com o rosto em detalhe. É expresso em desenhos, pinturas, fotografias ou esculturas e, nos primeiros casos, geralmente possui orientação vertical e enquadramento centralizado.

A humanidade desde seus primórdios manifesta interesse em se retratar. Na antiguidade, a pintura do retrato foi utilizada no Egito, no mundo grego e na sociedade romana com finalidade comemorativa, religiosa e funerária. “A difusão da retratística [ao longo da história] acompanha os anseios da corte e da burguesia urbana de projetar suas imagens, na vida pública e privada.” (RETRATO, 2018). Na Europa do séc. XIV, famílias reais e nobres contratavam retratistas para registrar com alto grau de semelhança a fisionomia de pessoas consideradas importantes à sua época.



Fig. 16 (esq.): Diego Velázquez, *Phillip IV em Armadura*, 1628.
Fig. 17 (dir.): Johannes Vermeer, *A Leiteira*, 1658.



Fig. 18: Gustave Courbet, *Os Quebradores de Pedras*, 1849.

“Os séculos XVIII e XIX fornecem novos contornos aos retratos, projetando figuras de segmentos sociais mais amplos (e não apenas dos círculos aristocráticos) por meio de maior liberdade expressiva” (RETRATO, 2018). Com a ascensão da filosofia humanista, os artistas se distanciam de temas heróicos e se concentram em retratar cenas da vida comum com detalhes triviais e pessoas anônimas exercendo atividades cotidianas.

Durante a Revolução Industrial, a pintura deixa de ser uma atividade exclusiva para poucos e gradualmente torna-se mais acessível. Alimentados pelos movimentos sociais, as obras ganhavam contextos sociais, mostravam pessoas pobres e trabalhadores executando trabalhos braçais e frequentemente expressavam o posicionamento político dos autores. Por outro lado, essa difusão permitiu que a pintura também ganhasse caráter experimental como no Impressionismo, quando alguns artistas se dedicaram a questionar e transgredir normas acadêmicas do retrato.

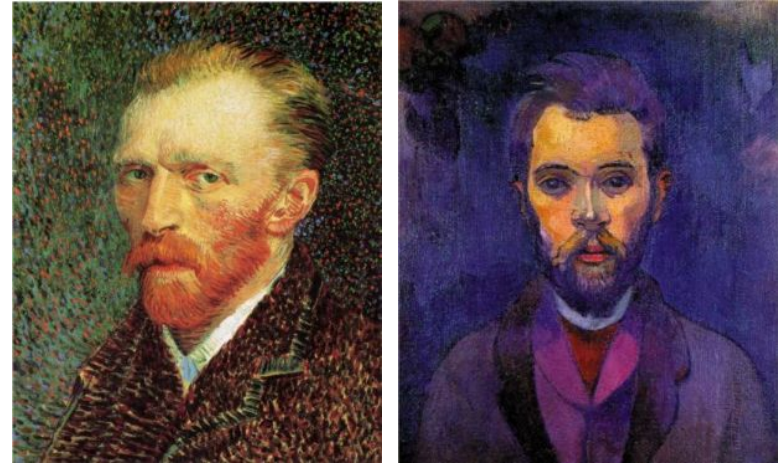


Fig. 19 (esq.): Vincent van Gogh, *Autorretrato*, 1887.
Fig. 20 (dir.): Paul Gauguin, *Retrato de William Mollard*, 1894.



Fig. 21 (esq.): Henri Matisse, *Retrato da Madame Matisse*, 1905.
Fig. 22 (dir.): Pablo Picasso, *Retrato de Ambroise Vollard*, 1910.

São exploradas e apresentadas novas possibilidades acerca da representação e expressão e rompe-se cada vez mais com a estética tradicional da pintura a partir do séc. XX. Nos retratos cubistas e expressionistas, o que se via era um vasto uso de cores intensas, assimetrias, distorções e até mesmo aspectos psicológicos. “Pela primeira vez para muitos artistas, a psique interna da pessoa sentada era tão ou mais importante que sua semelhança em um retrato” (HEASTON, 2018, tradução nossa).

Segue-se um longo período no qual a cena é dominada pela abstração e pela arte conceitual, o que não impediu que alguns artistas continuassem trabalhando com retratos. No início do séc. XX, os surrealistas brincavam com distorções, biomorfismos⁴, justaposições⁵ e conceitos metafísicos, criando cenários utópicos que mimetizam a fisionomia humana e vice-versa.

⁴ Formas abstratas que fazem referência a seres vivos.

⁵ Prática de colocar elementos muito próximos na intenção de fazer comparações ou destacar contrastes.

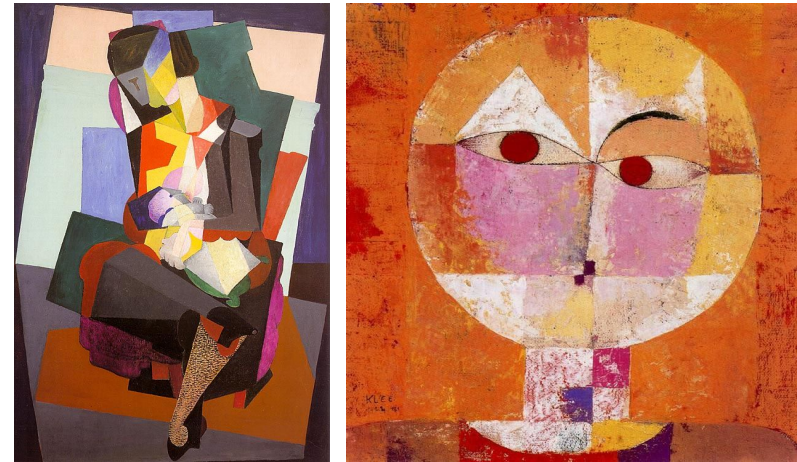


Fig. 23: Diego Rivera, *Maternidade Angelina e o menino Diego*, 1916.
Fig. 24 (dir.): Paul Klee, *Senecio*, 1922.

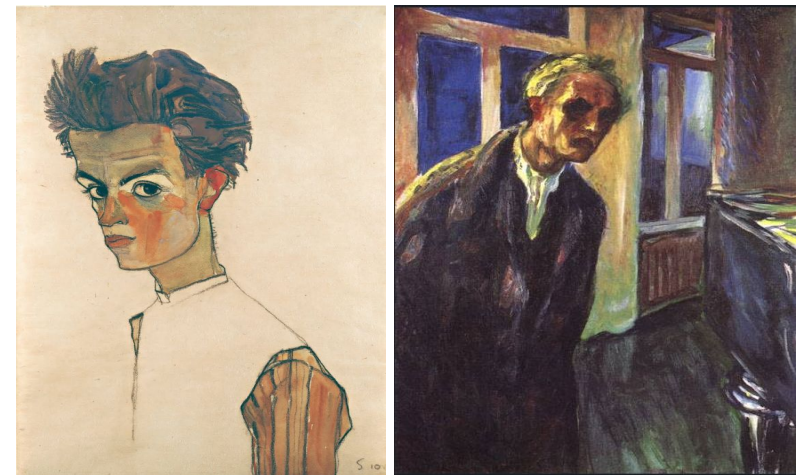


Fig. 25 (esq.): Egon Schiele, *Autorretrato com camisa listrada*, 1910.
Fig. 26 (dir.): Edvard Munch, *Autorretrato O andarilho da noite*, 1924.

O retrato ressurgiu por volta de 1950 com a Pop Art – dessa vez com apelo cultural, popular e até mercadológico. “[O movimento] não critica as consequências do materialismo e consumismo; ele simplesmente reconhece sua presença difusa como um ato natural” (GERSH-NESIC, 2018, tradução nossa). Assim, os artistas da Pop Art se apropriaram imagetivamente de personagens midiáticos, figuras políticas e celebridades para produzir suas obras, transformando-os em ícones culturais.

Atualmente, o retrato segue muito significativo e estimado no meio artístico. Ao mesmo tempo em que existem artistas com abordagens menos convencionais, há também esforços em utilizar técnicas tradicionais para desenvolver e discutir questões contemporâneas. Surgem termos como *selfie* (palavra nova para um velho conhecido, o autorretrato) e o “antirretrato”, cujos conceitos e aplicações sugerem inúmeras reflexões sobre identidade, representação e percepção do indivíduo sobre si mesmo e os outros.

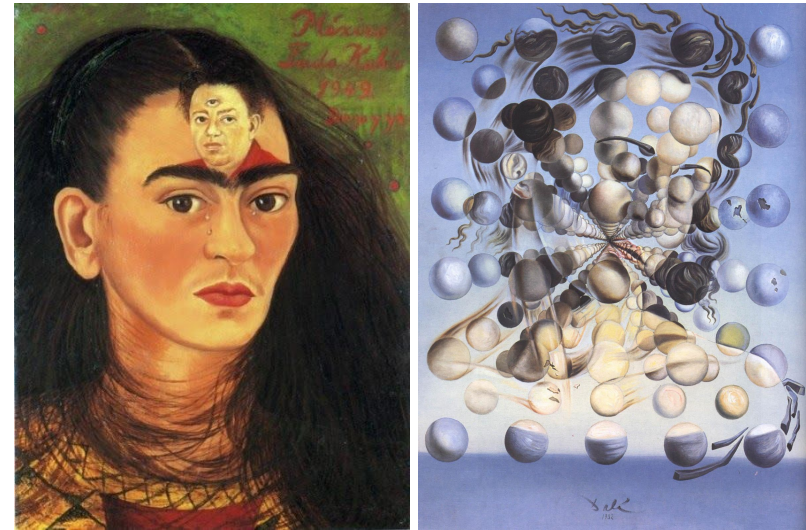


Fig. 27 (esq.): Frida Kahlo, *Diego e eu*, 1949.

Fig. 28 (dir.): Salvador Dalí, *Galatea das Esferas*, 1952.

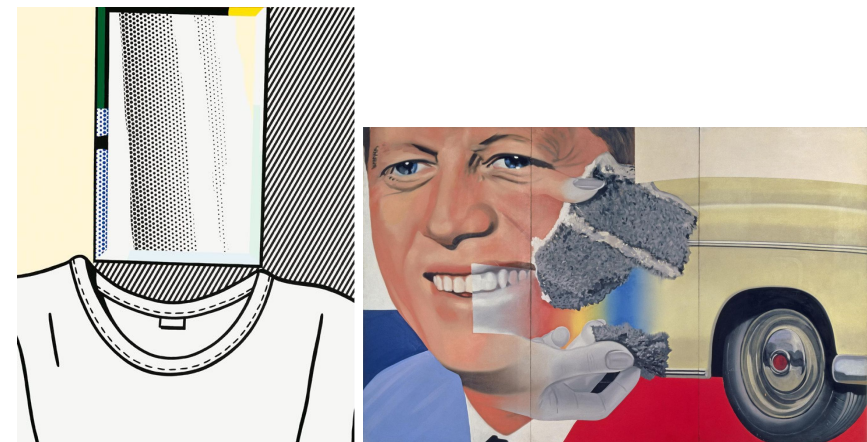


Fig. 29 (esq.): Roy Lichtenstein, *Autorretrato*, 1978.

Fig. 30 (dir.): James Rosenquist, *Presidente eleito*, 1964.

4. O ANTIRRETRATO

Vimos que, por definição, o retrato é a representação artística de uma pessoa em que seu rosto e expressão são predominantes. Porém, com os avanços tecnológicos e o crescimento das redes sociais, essas características adquirem novos significados e finalidades práticas na sociedade.

Dentro do gênero do retrato encontramos algumas vertentes, entre elas, o autorretrato. Trata-se do artista representando a si mesmo em sua obra, seja ela uma pintura, fotografia, desenho, escultura e afins. Apesar de existirem vestígios mais antigos, as primeiras evidências oficiais na História da Arte datam do séc. XV durante o Renascimento, em que os artistas muitas vezes pintavam sua própria imagem como uma das figuras integrantes da cena como uma maneira de assinar a obra. O autorretrato possui caráter mais metódico e artístico se comparado com a *selfie*, um termo muito utilizado na atualidade para

se referir à prática de tirar uma fotografia de si mesmo de maneira casual.

Atualmente, um outro termo tem sido pautado: o **antirretrato**. Este não deve ser confundido e tampouco necessariamente possui relação com o **autorretrato**, uma vez que nem sempre o sujeito representado é o próprio autor da obra. O antirretrato, na verdade, propõe uma inversão dos cânones clássicos. A ideia principal se baseia na construção de um retrato anônimo, em que o rosto do indivíduo em evidência é oculto total ou parcialmente. De acordo com Shkurovich (2018, n.p.):

O antirretrato se sustenta no exercício paradoxal de mostrar informações que, ao mesmo tempo, foram tiradas ou obscurecidas. Com isso em mente, um retrato como revelador de identidade é insuficiente e serve mais como sugestão do que como fato. (SHKUROVICH, 2018, n.p., tradução nossa)

Em tempos de superexposição da vida privada e narcisismo exacerbado, nunca antes a necessidade humana por representação pareceu tão gritante, como

uma constante busca por ser visto. O ato de retratar e ser retratado se transforma e ressurgue como uma reflexão sobre a própria identidade, inclusive na configuração de protesto. O antirretrato usa a negação como meio para contrapor essa urgência, simultaneamente se envolvendo e resistindo às convenções tradicionais do retrato. Para McGrory (2018, n.p.):

Nossos olhos são frequentemente atraídos para o rosto primeiro. Sendo seres muito sociais, lemos emoções e histórias em rostos durante todo o dia. Mas o que muitas vezes podemos negligenciar em nossos retratos são as pistas que se infiltram de maneira mais subconsciente - as pistas do contexto. Elementos como o que uma pessoa está usando, sua linguagem corporal, a cena e os objetos ao seu redor muitas vezes contêm muito da sua história, e o rosto poderia nos dizer como ela está se sentindo sobre isso. (MCGRORY, 2018, n.p., tradução nossa)

A pessoa está ali, mas se perde seu principal gancho de identificação. O rosto oculta-se, não quer ser mostrado ou é substituído. No espaço dessa incógnita, poucas informações são concretas e sobram suposições. O

mistério provoca incerteza, uma vez que a obra sugere um sentimento ou opinião sobre a pessoa retratada sem dar muitas pistas. A face, parte do corpo capaz de apontar o maior número de emoções do indivíduo, deixa de ser suporte do artista para dar expressão e personalidade à figura e fica à mercê de outras partes da obra.

Para o artista, fazer um retrato é um processo reflexivo não apenas de identidade, mas também de representação. Quais são os limites? Qual a flexibilidade de ideias? (SHKUROVICH, 2018, n.p., tradução nossa)

O termo foi cunhado e aparece com mais frequência na fotografia, em que os recursos mais utilizados para remover o rosto de um retrato - sem recorrer a outras técnicas - geralmente implicam em escondê-lo entre as mãos, por trás de objetos ou retirá-lo do enquadramento. As soluções encontradas na pintura, por sua vez, são ainda mais diversas. Surge a possibilidade de desconstruí-lo e desfigurá-lo.

Sem o rosto, é mais fácil colocarmos nós mesmos, nossos amigos ou membros da nossa família na imagem, na história. Deixa espaço para interpretação e mantém a figura misteriosa o suficiente para querer olhar melhor e por mais tempo. (MCGRORY, 2018, n. p., tradução nossa)

4.2 REFERÊNCIAS VISUAIS

O surrealista belga **René Magritte** (1898-1967) foi um dos pioneiros na pintura de retratos sem rosto. Sobre seu autorretrato *O filho do homem* (1964), ele diz:

Pelo menos esconde o rosto parcialmente bem, então você tem o rosto aparente, a maçã, escondendo o visível mas oculto, o rosto da pessoa. É algo que acontece constantemente. Tudo o que vemos esconde outra coisa, sempre queremos ver o que está oculto pelo que vemos. Há um interesse naquilo que está escondido e que o visível não nos mostra. Esse interesse pode assumir a forma de um sentimento bastante intenso, uma espécie de conflito, poderíamos dizer, entre o visível que está oculto e o visível que está presente. (MAGRITTE apud TORCZYNER, 1979, p. 172, tradução nossa)



Fig. 31 (esq.): René Magritte, *O filho do homem*, 1964.
Fig. 32 (dir.): René Magritte, *A reprodução proibida*, 1937



Fig. 33: René Magritte, *Os amantes*, 1928.

O tema tem ganhado cada vez mais destaque entre artistas contemporâneos emergentes. Ainda no surrealismo, temos a canadense **Alexandra Levasseur** que explora a relação do ser humano e o ambiente em suas obras. Estes mesmos vínculos são perceptíveis no trabalho da francesa **Hélène Delmaire**, que cultiva grande predileção por antirretratos em suas pinturas a óleo. Além da questão homem-natureza, ela também aborda a fragilidade da existência e detém certa obsessão pela ruína do belo em seus retratos.⁶ Sobre o tema, Delmaire relata:

Eu não pinto pessoas como indivíduos, mas como símbolos da humanidade - um mero elemento do todo maior. O sujeito é frequentemente engolido ou escondido pelo seu ambiente pictórico; truncado ou apagado com um toque do pincel. O rosto e olhos, comumente chamadas de janelas da alma, são desviados ou mascarados, voltados para um mundo interior que nunca pode ser totalmente comunicado a outro, apesar de

⁶ Disponível em: <https://beautifulbizarre.net/2015/12/15/honest-intimacy-the-art-of-helene-delmaire/>



Fig. 34 (esq.): Alexandra Levasseur, *Hommage a Odilon*, 2014.
Fig. 35 (dir.): Alexandra Levasseur, *La Tourbiere*, 2015.



Fig. 36 (esq.): Hélène Delmaire, *Ambrosia*, 2016.
Fig. 37 (esq.) Hélène Delmaire, *D'amour et d'eau fraiche*, 2011.

uma profundidade compartilhada. Paradoxalmente, a descoberta desse mundo interior vem quando a identidade pessoal é deixada de lado. Através da perda do pessoal vem o universal. (DELMAlRE, 2018, n. p., tradução nossa)

O antirretrato traz para o artista uma autonomia sobre as relações de criação e destruição, do perecível e da efemeridade. Esses conceitos se revelam na liberdade do fazer artístico, simbolizando a dor e a delícia de ser capaz de construir para, então, desconstruir. Nesse sentido, os retratos do colombiano **Cesar Biojo** e da neozelandesa **Henrietta Harris** utilizam do mais básico artifício pictórico - as pinceladas de tinta - para propositalmente desfigurar um rosto outrora íntegro.

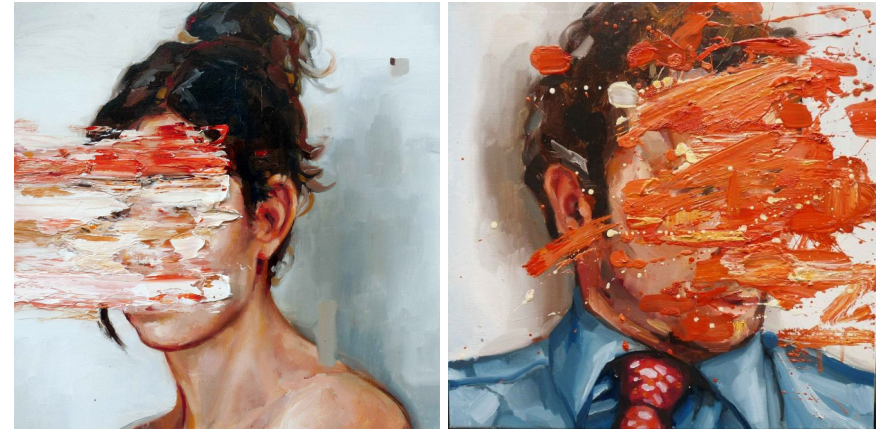


Fig. 38 (esq.): Cesar Biojo, *Mireia 23*, 2014.

Fig. 39 (dir.): Cesar Biojo, *Elvice*, 2014.



Fig. 40 (esq.): Henrietta Harris, *Fixed it VIII*, 2016.

Fig. 41 (dir.): Henrietta Harris, *Fixed it III*, 2016.

5. A SÉRIE "ALÉM DE ROSTOS"



Fig. 42: Olga Guedes, *Em busca do que é belo e vulgar*, 2018.



Fig.43: Olga Guedes, *Companhia*, 2018.



Fig. 44: Olga Guedes, *Veredas I*, 2018.



Fig. 45: Olga Guedes, *Veredas II*, 2018.



Fig. 46: Olga Guedes, *Foi como ser feliz de novo*, 2018.



Fig. 47: Olga Guedes, *Te teria todo dia*, 2018.



Fig. 48: Olga Guedes, *Lugar algum*, 2018.



Fig. 49: Olga Guedes, *O tempo arde*, 2018.



Fig. 50: Olga Guedes, *Eu sou as sobras*, 2018.



Fig. 51: Olga Guedes, *Latente*, 2018.



Fig. 52: Olga Guedes, *Odeio despedidas*, 2018.

5.1 PROCESSO CRIATIVO

Em minhas pinturas exploro a fisionomia do indivíduo em seus detalhes e dissolvo a figura do corpo em cores e manchas numa busca por outras perspectivas de expressão da identidade. Para alcançar tais resultados, meu processo criativo costuma obedecer à seguinte metodologia:

1. Painel semântico ou *moodboard*
 - a. Referências fotográficas
 - b. Fotomanipulação
 - c. Harmonia cromática
2. Diário gráfico ou *sketchbook*

O conceito do painel semântico surgiu no *design* com o nome de *moodboard*, que consiste em um agrupamento de referências que transmitam o conceito visual do projeto para facilitar a apresentação da ideia geral ao cliente. Adaptando para o propósito da pintura,

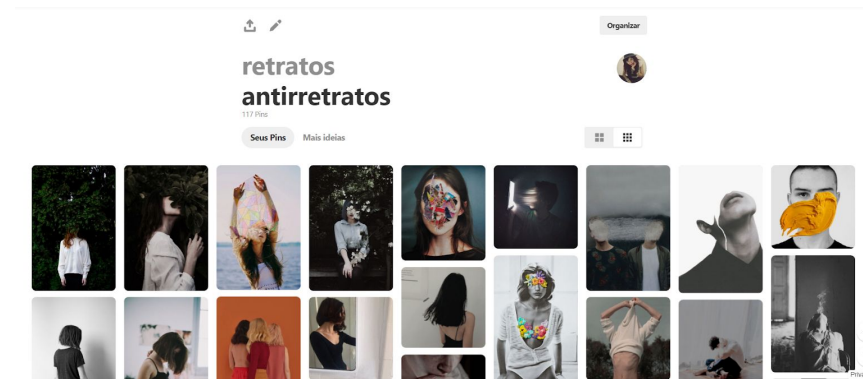


Fig. 53: Exemplo de uma pasta no Pinterest.



Fig. 54: Pastas separadas por projeto de cada obra.

no painel semântico reúno todos os materiais gráficos que me interessam para a feitura das obras, incluindo paletas de cor, exemplos de trabalhos de outros artistas, elementos que desejo incluir nas obras e outras fotografias que serão relevantes para a composição da pintura e que me auxiliarão na construção de uma atmosfera emotiva durante a produção das obras.

Apesar de parecer feioso o nome *moodboard* traduzido, a ideia é exatamente esta: um quadro de emoções. Um painel que vai trazer à tona, previamente, a atmosfera do projeto. Abstraindo um pouco mais, seria como conhecer uma pessoa sem vê-la, só pelas roupas que tem no armário, músicas que ouve, cores que gosta, filmes que costuma ver. (MOTTA, 2018, n.p.)

A ferramenta que melhor me auxilia nessa tarefa inicial é o Pinterest (www.pinterest.com), uma vez que além de conseguir agrupar várias imagens relevantes sobre um mesmo tema com facilidade, ele ainda permite ao usuário referenciar a fonte original da figura, caso ela tenha sido anexada a partir de outro endereço da *web*.



Fig. 55: Painel semântico da obra "Veredas I".

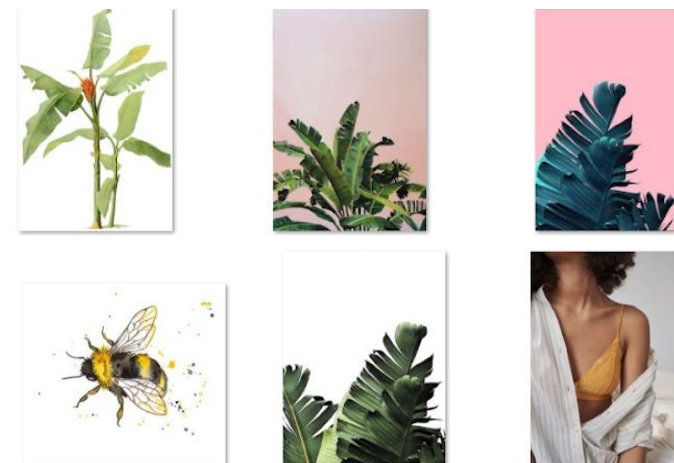


Fig. 56: Painel semântico da obra "Foi como ser feliz de novo".

Depois de realizar uma rápida curadoria de itens que serão úteis ao planejamento de uma obra específica, crio pastas individuais no próprio computador para organizar visualmente com precisão tudo que será necessário na execução dessa obra, principalmente quando envolvem materiais que não estão no Pinterest.

Aproveito a oportunidade para dar título às obras e fazer fotomanipulações com alguma ferramenta de edição de imagens. Trata-se de uma espécie de colagem digital, para experimentar cores, combinações e composições que podem funcionar para a obra, retirando e acrescentando itens, modificando o contraste e o enquadramento das imagens de referência. Sou muito familiarizada com a edição de imagens devido ao meu histórico com a pintura digital e é um recurso que frequentemente me concede muita liberdade de criação antes de me comprometer com a tinta e o papel em sua forma definitiva.

Porém, alguns detalhes são mais complicados, inviáveis ou pouco práticos de fazer no computador. Por isso, paralelamente, mantenho um diário gráfico (também



Fig. 57: Referência fotográfica de “Em busca do que é belo e vulgar”.



Fig. 58: Referência fotográfica de “Companhia”.

conhecido como *sketchbook*). Neste diário, desenho prévias da composição da obra, faço testes visuais e anotações acerca do projeto. Faço também pequenas amostragens com tinta do esquema de cores que vou utilizar e registro palavras-chave, conceitos e pensamentos que me direcionam e permitam focar na finalidade da obra. Costumo carregá-lo comigo para onde vou e uso como uma “caixa de entrada” para registrar todas as ideias que surgem ao longo do dia. É o lugar onde o artista pode depositar suas impressões mais aleatórias sem responsabilidade com o resultado final.

Inicialmente, o conceito do projeto incluía o uso exclusivo de imagens de autoria própria ou cedidas por amigos como referências fotográficas, mas a ideia foi se mostrando pouco eficiente durante sua execução pois haviam muitas fotografias de autoria desconhecida que me interessavam e serviam ao propósito da pesquisa. Entretanto, ainda fiz duas pinturas baseadas em fotografias que eu mesma tirei de amigos. Houveram também duas ocasiões em que optei por trabalhos de

fotógrafos locais como referência para as pinturas. Aqui destaco os fotógrafos Ian Rassari e Alex Oliveira, cujos retratos foram fundamentais para a realização das pinturas “Veredas I” e “Te teria todo dia”, respectivamente.



Fig. 59: Ian Rassari, *Equinócio*, 2018.



Fig. 60: Alex Oliveira, *Benzinhos*, 2018.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebi, ao longo desta pesquisa, a presença de três juízos acerca do antirretrato: o ponto de vista do criador, da criação e do observador da obra. Estas três instâncias estão intrinsecamente interligadas e são codependentes em termos de percepção e entendimento da obra de arte como um todo.

Uma das decisões que o artista precisa tomar durante o planejamento de um antirretrato é em relação à sutileza com que o rosto será coberto ou retirado. A figura humana na obra pode, por exemplo, ser configurada para **esconder a face com seu próprio corpo** (ver fig. 32, 47 e 50). É uma atitude que denota introspecção, autonomia, ideia de existência e pertencimento no espaço. Reconhece alguma independência do retratado enquanto personagem de uma narrativa.

Por outro lado, o rosto pode ser **substituído por algo anômalo à figura**, como um enxerto (fig. 29, 31 e 51). Essa disposição reforça o interesse naquilo que há por trás e

leva o espectador a imaginar se a permanência daquele objeto se deu de maneira condescendente ou foi inadvertida, talvez por motivos de força maior como a interferência do ambiente.

Este raciocínio nos leva à composição da obra e à **posição do sujeito no enquadramento** do retrato, que constitui uma outra alternativa de remoção do rosto – às vezes a cabeça inteira (fig. 46, 52). O retrato liberta-se da supremacia facial e o corpo, agora desimpedido, passa a receber olhares ainda mais atentos. As mãos se mostram grandes favoritos como suplentes na carga de experiências emocionais em antirretratos (fig. 37, 43 e 49).

Há ainda a competência em que o criador **se apropria do meio artístico para modificar, distorcer ou deformar** o rosto antes mesmo de premeditar o surgimento de um (fig. 48). Sua presença é negada desde o início, o que exige certo domínio técnico sobre linguagens visuais. O espaço de sua ausência é transformado e passa a enriquecer a obra imagetivamente, em vez de subtrair. A variação mais abrupta se dá na forma de recorte (fig. 34 e

36), em que os limites do rosto são delimitados e sua superfície é preenchida por outra substância.

Um dos métodos mais polêmicos envolve **confeccionar integralmente a face para então apagá-la**. Na pintura, isso geralmente se dá com pinceladas gestuais e permanentes sobre o rosto finalizado, como nos trabalhos de Cesar Biojo (fig. 38 e 39) e Henrietta Harris (fig. 40 e 41). Pode ser considerado transgressor e causar certo incômodo por implicar que de fato havia algo pronto que então foi arruinado e não pode mais ser contemplado, como se fosse tarde demais. Apesar de parecer violenta, essa abordagem simboliza a consciência do artista sobre a efemeridade de seu trabalho. A descaracterização do retrato traz a noção de desapego da obra de arte ao assumir que na verdade ela nunca está completa.

Todas essas ordens só ocorrem no nível primário em que o criador detém poder criativo sobre sua criação. Uma vez exposto, o antirretrato é amalgamado por efeitos que fogem ao domínio da própria obra. Passa a funcionar como uma espécie de moldura para a interpretação alheia

– partindo do princípio que a moldura tem como objetivo dar suporte e ornamentação ao trabalho artístico.

Destituído da parte mais importante, a responsabilidade sobre a atribuição de sentido e significado do retrato é quase imediatamente transferida para o observador. O artista pode oferecer algum contexto e até sugerir uma atmosfera, mas é o espectador quem vai debruçar sobre a obra suas impressões mais subjetivas, inclusive sua própria noção de identidade. Ultrapassando a visualidade, há uma interação inconsciente. Ao se projetar, a pessoa retratada se torna aquele que o assiste: ainda que por um instante, ambos sentem as mesmas emoções e compartilham da mesma história. Quem observa não somente participa como também integra a essência expressiva do antirretrato, completando o que estava faltando. Perde-se o rosto para que o indivíduo retratado ganhe a feição de quem o observa.

Tal incumbência pode ser instigante ou assustadora. Durante as ações pedagógicas, observações dos participantes apontaram que a ausência do rosto une

tanto quanto é capaz de repelir. Enquanto esta segunda circunstância tem se provado um fato recorrente em termos de fotografia e redes sociais (pesquisas indicam que imagens com rostos humanos tem 38% mais probabilidade de receber curtidas e 32% mais chance de atrair comentários que fotos sem rosto)⁷, percebo uma incidência inversamente proporcional no formato de pintura. Acredito que isso se justifica pela permissão que a obra de arte figurativa detém no que diz respeito ao descomprometimento com a representação fiel da realidade.

O antirretrato é muitas vezes referido como “retrato anônimo”. Esse termo levanta questões relativas à identificação prévia daquele que é retratado, como nos casos em que se trata de uma personalidade desconhecida ou de alguém que deveria ser reconhecido (como os ícones da Pop Art). Diante do desafio de

representar alguém familiar sem apelar para o rosto, é interessante perceber os artifícios utilizados por quem retrata para trazer semelhança a essa pessoa específica. A concentração costuma voltar-se à expressão corporal, cabelos, acessórios, roupas e ao emprego estratégico das cores.

Contrariando o conceito mais básico do retrato, conclui-se que a presença do rosto não é parte fundamental para a construção de sua identidade, dado que este elemento não se encontra isolado de outros componentes visuais e menos ainda está imune da subjetivação poética de terceiros. Na verdade, o antirretrato vai além e proporciona infinitas perspectivas narrativas ao alimentar a curiosidade do espectador.

A pesquisa da série *Além de rostos* marcou o início de uma intensa jornada de autoconhecimento. Me contentava apenas com desafios técnicos, mas me esforcei em imprimir mensagens em pinturas que almejavam uma liberdade poética além da referência fotográfica e da estética realista, o que se reverteu em

⁷ Disponível em: <<https://www.news.gatech.edu/2014/03/20/face-it-instagram-picture-s-faces-are-more-popular>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

grande aprendizado profissional e pessoal. Vejo com mais clareza os temas que me atraem e entendo quais influências fundamentaram minhas escolhas. Tive a oportunidade de experimentar diferentes metodologias, descobrir o que funcionava para as particularidades do meu fazer artístico e acompanhar meu processo criativo tornar-se mais definido e organizado.

Constatei que as pinturas adquiriram motivações mais íntimas à medida que a pesquisa avançou. A feitura de cada obra foi moldada e diretamente afetada pela conjuntura do meu estado físico e psíquico ao longo deste período, ao mesmo tempo em que obedecia às minhas inquietações enquanto artista-pesquisadora. Ver meus anseios e preocupações expressos nestes antirretratos me trouxe uma percepção inédita sobre a potencialidade e a relevância do meu trabalho. Através dessa pesquisa fui capaz de assimilar os vários lugares que ocupo na sociedade e refletir sobre o papel crítico da obra de arte. Sou criadora e criatura deste percurso e me sinto grata

pela a oportunidade de compartilhar e sensibilizar as pessoas através dele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRAVEN, Jackie. **Surrealism - The Movement and Artists Who Defied Logic.** Disponível em: <<https://www.thoughtco.com/what-is-surrealism-183312>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

DELMAIRE, Hélène. **A propos/About - Helene Delmaire.** Disponível em: <<https://www.helenedelmaire.com/pages/a-proposabout>>. Acesso em: 09 dez. 2018.

FARLEY, Katie. César Biojo | **Blanc Magazine.** Disponível em: <<https://blancmagazine.com/art-culture/art/cesarbiojo>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

GEORGIA TECH. **Face It:** Instagram Pictures With Faces are More Popular. Disponível em: <<https://www.news.gatech.edu/2014/03/20/face-it-instagr>

<<https://www.thoughtco.com/what-is-surrealism-183312>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

GERSH-NESIC, Beth. **The History of Pop Art (1950s-1970s).** Disponível em: <<https://www.thoughtco.com/pop-art-art-history-183310>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

HEASTON, Paul. **The History of Portraiture: A Trip Through Time.** Disponível em: <<https://www.craftsy.com/art/article/the-history-of-portraiture>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

LARK, Jasmine. **Biography of Alexandra Levasseur.** Disponível em: <<https://www.widewalls.ch/artist/alexandra-levasseur>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

MANNING, James. **Why Henrietta Harris makes beautiful portraits - then defaces them.** Disponível em:

<<https://www.noted.co.nz/culture/arts/why-henrietta-harris-makes-beautiful-portraits-then-defaces-them>>.

Acesso em: 14 nov. 2018.

MCGRORY, Marie. "The Faceless Portrait" Photo Assignment -- **National Geographic Your Photo**. Disponível em: <<https://yourshot.nationalgeographic.com/assignments/faceless-portrait>>. Acesso em: 02 out. 2018.

MOTTA, Letícia. **Você sabe o que é um "moodboard" e como ele pode te ajudar?** Disponível em: <<http://www.cutedrop.com.br/2011/03/mood-board/>> Acesso em: 31 out. 2018

RETRATO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo364/retrato>>.

Acesso em: 03 jun. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

SENN, Evan. Honest Intimacy: The Art of Hélène Delmaire | **Beautiful Bizarre Magazine**. Disponível em: <<https://beautifulbizarre.net/2015/12/15/honest-intimacy-the-art-of-helene-delmaire/>>. Acesso em: 09 jun. 2018

SHKUROVICH, Aline. Anti-retrato [English] - Proposals - Curatorial Intensive - **Independent Curators International**. Disponível em: <<http://curatorsintl.org/intensive/proposal/anti-retrato>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

TORCZYNER, Harry. **Magritte: Ideas and Images**. New York: Harry N. Abrams, 1979. p. 172.

APÊNDICE A – PLANO DE AÇÃO PEDAGÓGICA #1

I. **Título:** Mini-curso “Antirretratos em pintura”

II. **Dados de Identificação:**

A. LOCAL: Atelier do Núcleo de Arte e Cultura -
Centro de Convivência da UFRN

B. DATA: 18 e 25 de outubro de 2018

C. DURAÇÃO: 3 horas/dia, totalizando 6 horas

D. VAGAS: 15 participantes

III. **Tema:** O antirretrato na pintura

IV. **Objetivos:** Apresentar o processo criativo por trás da série *Além de rostos* e produzir um antirretrato a partir da discussão teórica sobre o tema, análise de obras de arte e exercícios práticos.

V. **Conteúdo:** Presença e ausência do rosto na pintura de retrato

VI. **Desenvolvimento:**

A. PRIMEIRO DIA (expositivo):

1. Retrato e antirretrato: caracterização, contexto histórico e exemplos visuais;
2. Mostra da série *Além de rostos*;
3. Debate sobre fotografia e pintura;

4. Introdução de metodologias criativas;
5. Planejamento e rascunho da obra a ser concluída na próxima sessão.

B. SEGUNDO DIA (prático):

1. Demonstração de técnicas artísticas;
2. Produção das obras;
3. Retorno avaliativo dos alunos.

VII. **Recursos didáticos:** Projetor de slides, folhas de papel vegetal, fotografias de retrato, revistas e material de desenho e pintura (tintas, lápis, borracha, régua).

VIII. **Bibliografia:**

FARLEY, Katie. César Biojo | **Blanc Magazine**. Disponível em:

<<https://blancmagazine.com/art-culture/art/cesarbiojo/>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

HEASTON, Paul. **The History of Portraiture: A Trip Through Time**. Disponível em: <<https://www.craftsy.com/art/article/the-history-of-portraiture/>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

IF IT'S HIP, IT'S HERE. **Not Eggsactly Your Typical Easter Art**. Urs Fischer. Disponível em: <<http://www.ifitshipitshere.com/not-eggsactly-typical-easter-art-urs-fischer/>>. Acesso em: 09 nov 2018.

LARK, Jasmine. **Biography of Alexandra Levasseur**. Disponível em: <<https://www.widewalls.ch/artist/alexandra-levasseur/>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

MANNING, James. **Why Henrietta Harris makes beautiful portraits - then defaces them**. Disponível em: <<https://www.noted.co.nz/culture/arts/why-henrietta-harris-makes-beautiful-portraits-then-defaces-them/>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

RETRATO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo364/retrato>>. Acesso em: 03 jun. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

SENN, Evan. Honest Intimacy: The Art of Hélène Delmaire | **Beautiful Bizarre Magazine**. Disponível em: <<https://beautifulbizarre.net/2015/12/15/honest-intimacy-the-art-of-helene-delmaire/>>. Acesso em: 09 jun. 2018

SHKUROVICH, Aline. Anti-retrato [English] - Proposals - Curatorial Intensive - **Independent Curators International**. Disponível em: <<http://curatorsintl.org/intensive/proposal/anti-retrato>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

TORCZYNER, Harry. **Magritte: Ideas and Images**. New York: Harry N. Abrams, 1979. p. 172.

APÊNDICE B – RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA AÇÃO PEDAGÓGICA #1

O mini-curso se deu nas dependências do Atelier do Núcleo de Arte e Cultura (NAC), localizado no Centro de Convivência da UFRN, e teve como público-alvo os alunos dos cursos de desenho e pintura do próprio Atelier. Foi dividido em dois momentos, sendo a primeira parte realizada no dia 18 de outubro, e a segunda parte realizada uma semana depois, em 25 de outubro de 2018, totalizando seis horas de duração.

Durante aproximadamente três anos da minha trajetória acadêmica eu fui estagiária e bolsista do Atelier, onde tive meu primeiro contato com o exercício da docência. Neste espaço construí relações e tive experiências que definiram muito do que sou profissionalmente hoje e, para o discente de Artes Visuais, é um local muito rico em oportunidades de aprendizado. Assim, foi inevitável pensar nele e dedicar uma parte da minha pesquisa ao Atelier durante o planejamento das



Primeiro e segundo dia do mini-curso no Atelier do NAC.
Fonte: arquivo pessoal.

ações pedagógicas. Preparei um plano de aula em que enumerei os objetivos, pontos a serem abordados e quais atividades realizaríamos, além de confeccionar um poster informativo que foi veiculado para todos os alunos matriculados.

O propósito do mini-curso era que cada participante produzisse seu próprio antirretrato. No primeiro dia, fiz uma longa introdução teórica para que eles tivessem um bom embasamento sobre o tema e esclareci meus métodos criativos para que se sentissem mais motivados a testá-los. Investi bastante tempo na análise de obras, fazendo perguntas, problematizações e incentivando a participação de todos. Não precisei insistir muito, uma vez que os alunos do Atelier ficaram bem à vontade para tirar dúvidas e tecer comentários. Alguns deles já me conheciam por terem sido meus alunos em outros semestres, o que ajudou a construir uma atmosfera mais intimista durante a ação. Houveram momentos de debate e discussão entre eles sobre o tema, cujos levantamentos infelizmente não me recordo.



Participantes executando as atividades propostas.
Fonte: arquivo pessoal.

Na última hora da primeira sessão, anunciei que eles iriam planejar como fariam o antirretrato a ser concluído na próxima semana. Distribuí folhas de papel vegetal para todos e revistas para aqueles que não trouxeram foto. Propus que eles traçassem com grafite no papel vegetal por cima da foto, mentalizando o que colocariam no lugar do rosto ou como fariam para escondê-lo ou desconstruí-lo. Sugeri que pensassem na adição de outros elementos à obra que expressem personalidade ou emoções sobre a pessoa retratada, além de experimentar combinações de cores e composições. Muitos se empolgaram com a atividade e houve uma participante que decidiu começar a pintar seu antirretrato ali mesmo, ao fim do primeiro dia - mesmo eu deixando claro que só era necessário o planejamento. Uma das bolsistas me confidenciou posteriormente que esta participante, especificamente, não gostava de pintar retratos e acabou sendo uma das que mais se empolgou com a proposta.



Trabalhos realizados pelos alunos do Atelier ao fim do mini-curso.
Fonte: arquivo pessoal.

No segundo dia, com os antirretratos previamente arquitetados e rascunhos em mãos, demos início à produção das pinturas. Dediquei a primeira hora para fazer uma demonstração prática das técnicas e dos materiais que utilizo enquanto pinto. As horas que se seguiram foram de assistência e monitoria, em que eu e os bolsistas auxiliamos os participantes, um por um, a alcançar os resultados desejados no seu trabalho. O apoio dos bolsistas do Atelier, inclusive, foi fundamental para o sucesso da ação pedagógica. Fernando, Joselita e Liz foram excepcionalmente dedicados em atender às minhas demandas e dos alunos.

Foram 26 inscritos no total. Ao final, pedi para que cada participante deixasse uma pequena avaliação escrita sobre suas impressões acerca da ação ou do tema. Recebi algumas respostas que envolviam a dificuldade enfrentada em desenhar e pintar retratos realistas. Muitos participantes estavam satisfeitos por encontrar no antirretrato uma alternativa segura e expressiva à temida representação do rosto humano. Me lembrei das aulas de

desenho de figura humana: quando alguns alunos tinham dificuldade em desenhar as mãos, por exemplo, frequentemente desistiam de ilustrá-las e tentavam esconder (às vezes de maneira bem criativa, como colocando-as no bolso do personagem) numa tentativa de não ter que lidar com o problema sem ignorar que ele existe. No geral, todos os retornos foram positivos e houve até pedido de continuidade do mini-curso.

APÊNDICE C – POSTER DE DIVULGAÇÃO DA AÇÃO PEDAGÓGICA #1

MINI-CURSO

Antirretratos em pintura

por Olga Oliveira



Quando? **18 e 25 de outubro de 2018, das 14h às 17h**

Onde? **Atelier do NAC - Centro de Convivência da UFRN**

Quanto? **Grátis**

Dúvidas? **olgaoguedes@gmail.com - (84) 98109.6839**

Olga Oliveira

É graduanda em Artes Visuais pela UFRN, ex-professora de desenho e pintura no Atelier do NAC e ilustradora. Seu projeto de conclusão de curso “Além de rostos: Antirretratos em pintura” traz uma série de aquarelas desenvolvidas a partir da pesquisa sobre a representação sem face da figura humana nas artes visuais.

O mini-curso

Será dividido em dois momentos, totalizando 6 horas de duração. Haverá uma introdução do conceito do retrato e do antirretrato e será descrito em detalhes o processo criativo, metodologias e as técnicas envolvidas na confecção da série *Além de rostos*. Também serão trabalhados exercícios de composição e abstração do retrato na linguagem pictórica, incluindo o uso de paletas de cores e elementos visuais que enriquecem a qualidade estética e simbólica das obras.

Público-alvo

Podem participar do mini-curso gratuitamente toda a comunidade interna e externa à universidade. O participante deve **trazer o material de desenho ou pintura de sua preferência e a fotografia impressa de uma pessoa (retrato)**.

APÊNDICE D – PLANO DE AÇÃO PEDAGÓGICA #2

- I. **Título:** Discussão teórica “Além de rostos”
- II. **Dados de Identificação:**
 - A. LOCAL: Departamento de Artes da UFRN
 - B. DATA: 9 de novembro de 2018 (2h de duração)
- III. **Tema:** O antirretrato na pintura
- IV. **Objetivos:** Apresentar o processo criativo por trás da série *Além de rostos* e fomentar um debate sobre o antirretrato a partir da fundamentação teórica, análise de obras de arte e problematização do tema.
- V. **Conteúdo:** Presença e ausência do rosto na pintura de retrato
- VI. **Desenvolvimento:**
 - A. Retrato e antirretrato: caracterização, contexto histórico e exemplos visuais;
 - B. Mostra da série *Além de rostos*;
 - C. Associações entre a fotografia e a pintura;
 - D. Introdução de metodologias criativas;
 - E. Articulação de questionamentos.
- VII. **Recursos didáticos:** Projetor de slides.

- VIII. **Bibliografia:**

FARLEY, Katie. César Biojo | **Blanc Magazine**. Disponível em:
<<https://blancmagazine.com/art-culture/art/cesarbiojo/>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

GEORGIA TECH. **Face It:** Instagram Pictures With Faces are More Popular. Disponível em:
<<https://www.news.gatech.edu/2014/03/20/face-it-instagram-pictures-faces-are-more-popular>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

HEASTON, Paul. **The History of Portraiture:** A Trip Through Time. Disponível em:
<<https://www.craftsy.com/art/article/the-history-of-portraiture/>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

IF IT'S HIP, IT'S HERE. **Not Eggsactly Your Typical Easter Art:** Urs Fischer. Disponível em:

<<http://www.ifitshipitshere.com/not-eggsactly-typical-aster-art-urs-fischer/>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

LARK, Jasmine. **Biography of Alexandra Levasseur.**

Disponível em:

<<https://www.widewalls.ch/artist/alexandra-levasseur/>>

. Acesso em: 14 nov. 2018.

MANNING, James. **Why Henrietta Harris makes beautiful portraits - then defaces them.** Disponível em:

<<https://www.noted.co.nz/culture/arts/why-henrietta-harris-makes-beautiful-portraits-then-defaces-them/>>.

Acesso em: 14 nov. 2018.

MCGRORY, Marie. "The Faceless Portrait" Photo Assignment -- **National Geographic Your Photo.**

Disponível em:

<<https://yourshot.nationalgeographic.com/assignments/faceless-portrait/>>. Acesso em: 02 out. 2018.

RETRATO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018.

Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo364/retrato>>. Acesso em: 03 jun. 2018. Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7

SENN, Evan. Honest Intimacy: The Art of Hélène Delmaire | **Beautiful Bizarre Magazine.** Disponível em:

<<https://beautifulbizarre.net/2015/12/15/honest-intimacy-the-art-of-helene-delmaire/>>. Acesso em: 09 jun. 2018

SHKUROVICH, Aline. Anti-retrato [English] - Proposals - Curatorial Intensive - **Independent Curators International.** Disponível em:

<<http://curatorsintl.org/intensive/proposal/anti-retrato>>.

Acesso em: 10 jun. 2018.

TORCZYNER, Harry. **Magritte: Ideas and Images.** New York: Harry N. Abrams, 1979. p. 172.

APÊNDICE E – RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA AÇÃO PEDAGÓGICA #2

A discussão teórica se deu durante a programação da 8ª Semana de Artes Visuais, no Departamento de Artes da UFRN, tendo como público-alvo os discentes do próprio departamento. Aconteceu no dia 9 de novembro, teve a duração de duas horas e houveram 9 inscritos, cujo grau de instrução variou desde alunos do Ensino Médio até professores universitários, entre artistas e apreciadores.

A proposta consistiu em incitar um debate sobre o antirretrato e suas implicações não somente na pintura, mas também em outras linguagens artísticas. Em meus apontamentos relatei fotografias com rosto e redes sociais, trazendo a discussão para um viés reflexivo e filosófico sobre o papel da face e sua importância na atual conjuntura social. Por se tratar de uma ação de conteúdo essencialmente expositivo, a participação dos inscritos foi pontual.

Em um dado momento perguntei se o antirretrato



Discussão teórica durante a 8ª Semana de Artes Visuais.
Fonte: arquivo pessoal.

aproxima ou afasta o espectador da obra, e um dos participantes associou com o “vale da estranheza”. Trata-se de uma hipótese da robótica e computação gráfica que ressalta o desconforto que observadores sentem ao se deparar com réplicas humanas verossimilhantes demais.⁸ É um conceito amplamente aplicado em videogames e filmes de terror para provocar medo. No caso do antirretrato, seria o exemplo de um personagem sem rosto que detém várias outras características humanas. Em alto grau técnico de realismo, isso dificultaria para o cérebro relacionar como algo confiável ou uma ameaça. Ou seja, a confusão se dá quando se parece verdadeiramente um ser humano e não uma representação ou algo figurativo, sendo mais difícil de o efeito ocorrer em um desenho animado, por exemplo. Conclui-se, então, que a depender da riqueza de detalhes da obra, pode causar mais estranhamento que admiração.

⁸ Disponível em: <<https://www.theage.com.au/entertainment/when-fantasy-is-just-too-close-for-comfort-20070610-ge53f7.html>>. Acesso em: 17 de nov. de 2018.



Alguns dos participantes da ação pedagógica.
Fonte: arquivo pessoal.